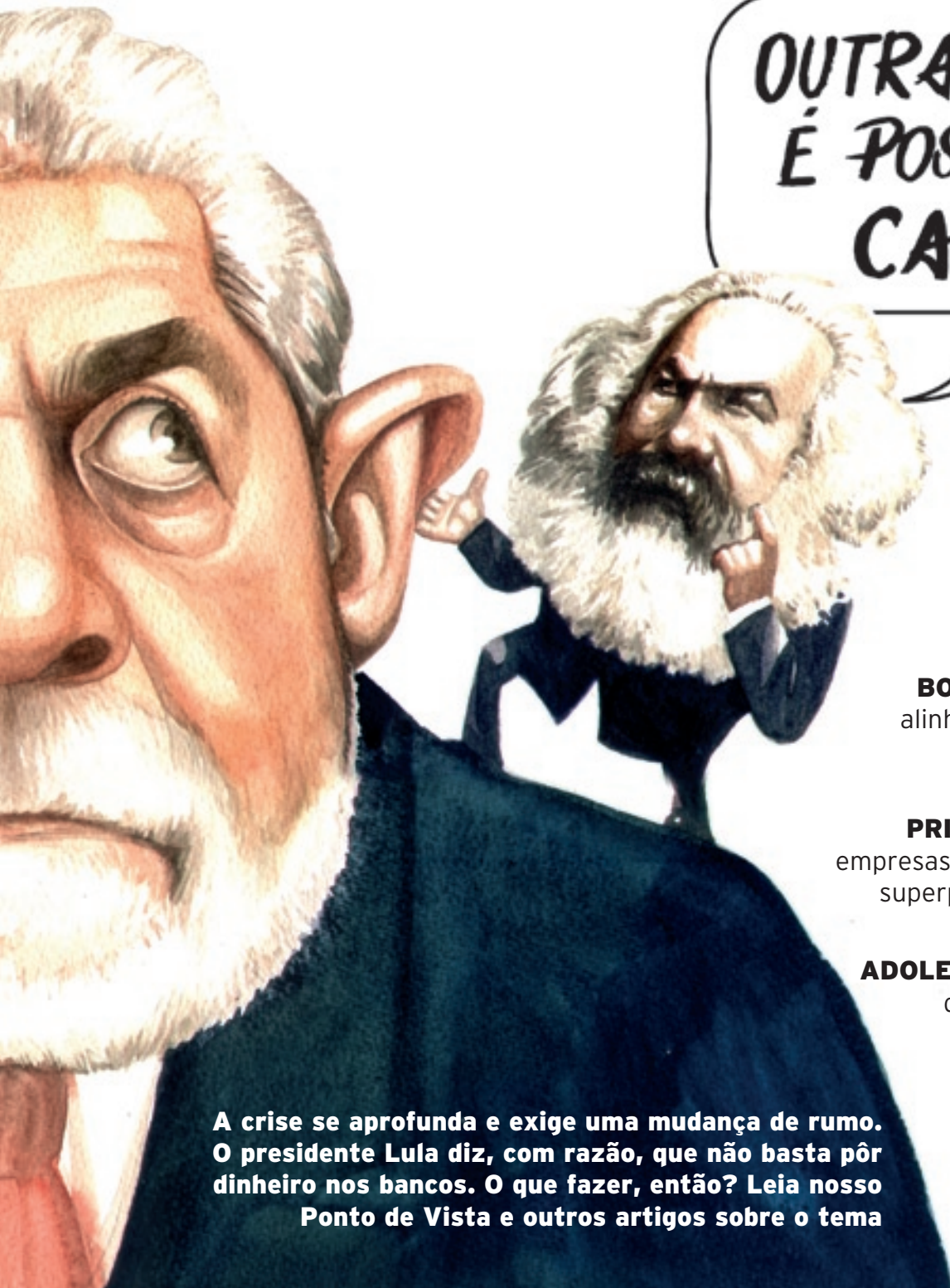


retrato

doBRASIL



WWW.RETRATODOBRASIL.COM | R\$ 8,00 | Nº 25 | AGOSTO DE 2009



OUTRA SAÍDA
É POSSÍVEL,
CARA!

BONDINHO Uma revista alinhada com a vanguarda da contracultura

PRISÕES A parceria com empresas é uma boa resposta à superpopulação carcerária?

ADOLESCENTES Eles vivem distantes da escola, da qual tanto precisam

A crise se aprofunda e exige uma mudança de rumo. O presidente Lula diz, com razão, que não basta pôr dinheiro nos bancos. O que fazer, então? Leia nosso Ponto de Vista e outros artigos sobre o tema

retrato

doBRASIL

WWW.RETRATODOBRASIL.COM | Nº 25 | AGOSTO DE 2009

06 Ponto de Vista PEDE-SE UMA MUDANÇA DE RUMO

A crise se aprofunda nos EUA e no Brasil (a despeito da euforia dos últimos meses na Bolsa). E é necessário procurar uma nova saída

09 A SOLUÇÃO DA PRIVATIZAÇÃO

Diante da falta de recursos para minimizar o problema da superpopulação carcerária, governos estaduais buscam parcerias com empresas

[Rafael Hernandez]

13 OLHO NO OLHO

As periferias de nossas grandes cidades enfrentam um paradoxo: precisam cada vez mais da escola, mas estão cada vez mais distantes dela

[Marina Amara]



18 DE PERNAS PARA O AR

Só no Brasil – onde o sistema financeiro é uma “anomalia tropical” –, as aplicações sem risco e de curtíssimo prazo são melhor remuneradas
[Flávio Tonelli, Lécio Moraes e Raimundo Rodrigues Pereira]

22 MITOS DA CADERNETA

O tipo mais comum, com mais da metade dos 90 milhões de poupadores, não tem praticamente poupança: na média, apenas 13 reais
[Lia Imanishi]

28 FOGO CONTRA FOGO

Para tentar apagar o incêndio do castelo financeiro global, os EUA injetam mais dinheiro em seu sistema, que foi a causa da crise
[Flávio Tonelli, Lécio Moraes e Raimundo Rodrigues Pereira]

31 SONHOS EM RUÍNAS

Após vitimar os mais pobres, a crise imobiliária nos EUA agora atinge o mundo dos mutuários de primeira classe

[Tânia Caliar]

35 POR UMA NOVA UTOPIA

O atual padrão de desenvolvimento se esgotou. Com a crise, abrem-se novas oportunidades. É o que pensa o presidente do Ipea, Marcio Pochmann

[Carlos Azevedo]

38 A ARMADILHA FINANCEIRA DE ITAIPU

Para os paraguaios, o tratado para a construção da grande hidrelétrica é um tema muito sensível. O pesquisador Victorio Oxilia explica por quê

[Yuri Martins Fontes]



41 EM BOA HORA

Dossiê ditadura, o livro com o mais completo levantamento sobre as vítimas do regime militar, tem nova edição

[Marcelo Ridenti]

44 A ÉPOCA DO BONDINHO

As entrevistas publicadas pela revista alinhada com a vanguarda da contracultura revelam surpreendente atualidade

[Laurindo Leal]

46 O JOGO DA DISSIMULAÇÃO

O racismo brasileiro é de uma forma peculiar: a negros e a brancos foram designados papéis sociais precisos, sem a necessidade de leis discriminatórias

[José Carlos Ruy]



48 A ARTISTA DOS SONHOS FEMININOS

Numa época marcada pela figura de Evita, a artista Grete Stern produziu fotomontagens que revelam o mal-estar da mulher argentina

[Ana Castro]

CARTAS

FALSO PROBLEMA

Não tenho dúvidas de que os investidores imobiliários serão os maiores beneficiários do programa "Minha casa minha vida", como aponta o artigo "Um plano para Dilma" (*Retrato do Brasil*, edição n. 23, junho de 2009), uma vez que são amparados por empreendedores em condições de obter rapidamente os financiamentos.

Mas não será beneficiado o mercado de primeira compra – justamente as classes de renda menor. Segundo o IBGE, na Região Metropolitana de São Paulo, por exemplo, 72% das famílias moram em casa própria. Mesmo boa parte das famílias de baixa renda compra tijolo, cimento e outros itens, "bate laje" – é casa própria, mesmo que não legalizada. O MCMV poderia atender essa gente se tivesse a noção

de prioridades. Casa própria é um falso problema, o povo "se vira"; o que interessa é a condição de moradias não servidas por uma verdadeira estrutura urbana: creches, escolas, transporte etc. É isso que ocorre, mais ou menos da mesma maneira, nas demais regiões metropolitanas do País.

Raymundo De Paschoal, arquiteto
(por e-mail)

fale conosco:

WWW.RETRATODOBRASIL.COM

ASSINATURAS

vendas@retratodobrasil.com
tel. 11 | 3032 1204 ou 3813 1527
de 2ª a 6ª, das 9h30 às 17h

ATENDIMENTO AO ASSINANTE

assinatura@retratodobrasil.com
tel. 31 | 3281 4431
de 2ª a 6ª, das 9h às 17h

PARA ANUNCIAR

comercial@retratodobrasil.com
tel. 11 | 3032 1204 ou 3813 1527
de 2ª a 6ª, das 9h30 às 17h

CIRCULAÇÃO EM BANCAS

circulacao@retratodobrasil.com

EDIÇÕES ANTERIORES

vendas@retratodobrasil.com

REDAÇÃO

redacao@retratodobrasil.com
tel. 11 | 3814 9030

CARTAS À REDAÇÃO

www.retratodobrasil.com
cartas@retratodobrasil.com
rua fidalga, 146 conj.42
cep 05432-000 são paulo - sp

Entre em contato com a redação de **Retrato do Brasil**. Dê sua sugestão, critique, opine.

Reservamo-nos o direito de editar as mensagens recebidas para adequá-las ao espaço disponível ou para facilitar a compreensão.

EXPEDIENTE

SUPERVISÃO EDITORIAL Raimundo Rodrigues Pereira EDIÇÃO Armando Sartori REDAÇÃO Carlos Azevedo • Lia Imanishi • Rafael Hernandez • Sônia Mesquita • Tânia Callari EDIÇÃO DE ARTE Ana Castro • Pedro Ivo Sartori REVISÃO Sílvio Lourenço • Gabriela Ghetti • Bruna Bassette [OK Linguística] COLABORARAM NESTA EDIÇÃO Carla Bispo • Carlinhos Muller • Flávio Tonelli • José Carlos Ruy • Laurindo Leal • Lécio Moraes • Marina Amaral • Marcelo Ridenti • Yuri Martins Fontes • Retrato do BRASIL é uma publicação mensal da Editora Manifesto S.A.

EDITORIA MANIFESTO S.A. PRESIDENTE Roberto Davis DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO Marcos Montenegro DIRETOR EDITORIAL Raimundo Rodrigues Pereira GERENTE COMERCIAL Daniela Dornellas REPRESENTANTE EM BRASÍLIA Joaquim Barroncas • Tel 61 3328 8046

ADMINISTRAÇÃO Neuza Gontijo • Maria Aparecida Carvalho

OPERAÇÃO EM BANCAS • ASSESSORIA EDICASE [www.edicase.com.br] DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA EM BANCAS Fernando Chinaglia Comercial e Distribuidora S/A MANUSEIO FG Press

TIRAGEM 20 mil exemplares [Tiragem auditada pela BDO Trevisan Auditores Independentes]

Ponto de vista:

PEDE-SE UMA MUDANÇA DE RUMO Nos EUA – e no Brasil, a despeito da euforia dos últimos meses na Bolsa de Valores –, a crise se aprofunda. E é preciso pensar em uma nova saída

O PRESIDENTE Luiz Inácio Lula da Silva não é um economista. Mas é muito esperto e tem encontrado fórmulas simples de explicar problemas econômicos complicados. Numa recente reunião do Conselho de Desenvolvimento Social, no qual frequentemente fala para o alto empresário do País, Lula disse a Jorge Gerdau Johannpeter, um de seus interlocutores costumeiros: “Será que os países ricos vão continuar apenas colocando dinheiro para salvar os bancos, ou alguns terão coragem de estatizá-los, recuperá-los, fazer voltar o crédito? O que não pode é ficar colocando água na panela quente sem os ingredientes para fazer comida. Pode colocar mais um copo que vai evaporar. O que precisamos é colocar os ingredientes para, daquela água, fazer nossa comida e sobreviver”.

Se tivesse dito isso ao presidente dos EUA, Barack Obama, com certeza não seria ouvido. Mas seria apropriado. Os americanos injetaram nos bancos do país cerca de 1 trilhão de dólares. Compraram parte de suas ações. Compraram papéis considerados “tóxicos” que os bancos tinham entre seus haveres. Recompraram títulos do Tesouro de longo prazo que os bancos mantinham em carteira para o futuro, que de repente entrou em discussão. E deram ainda mais dinheiro na forma de outras benesses. Fizeram isso para reforçar o caixa dessas instituições financeiras com vistas a conter a terrível corrida aos bancos que poderia ocorrer e destruir o sistema. Recheados de dinheiro, os bancos não promoveram ofertas de empréstimos para reanimar a economia e tirar o país da crise, no entanto.

Essencialmente, depositaram o dinheiro de volta, no Federal Reserve (Fed), o banco central do país, como o leitor pode conferir em um dos artigos sobre a crise que publicamos a partir da página 18. O Fed remunera esses depósitos, graças à lei aprovada pelo Congresso americano no ano passado, com juros de 2% ao ano. Para os bancos, isso é uma situação segura e lucrativa. Muito melhor do que emprestar a tomadores do mercado, hoje relativamente desesperados, numa situação de crise em maré alta, na qual, como diz o famoso

financista americano Warren Buffet, “a água não abaixou e ainda não se sabe quem estava nadando pelado”.

CRISE E SOCIEDADE

Nos EUA, os bancos que sobreviveram, ajudados pelo dinheiro do Fed, já estão ganhando dinheiro e engolindo os que estavam em pior situação. E achando tudo isso muito bom e apropriado. No mundinho dos muito ricos, parodiando o barão de Rothschild, banqueiro que fez famosa sua casa financeira nas guerras franco-britânicas do começo do século XIX, é assim: dinheiro se ganha na crise e quando há sangue nas ruas.

Mas a evolução da crise não deve ser avaliada apenas pela situação na restrita esfera dos grandes capitalistas. A crise é do mundo do dinheiro. Mas também é social, mais ampla. Nos EUA, os sinais são de que a crise se alarga. As dificuldades com os créditos lastreados em hipotecas imobiliárias se alastraram. Saíram do mercado formado recentemente pelos mais pobres, responsáveis pelos empréstimos chamados de *subprime*, cujo pagamento estava baseado essencialmente na renda do trabalho. Atingiram o mercado de hipotecas mais antigas, dos clientes tipo *prime* que também vinham se aproveitando da valorização dos imóveis para transformar em consumo a riqueza aparente, existente apenas na imaginação deles e na criatividade exuberante e irracional do sistema financeiro americano, como mostramos em outro artigo desta edição.

O desemprego é a medida mais nítida da crise social. Entre o final de 2007, quando começou a recessão da economia americana, e o final de junho, neste ano, 7,2 milhões de pessoas perderam o trabalho, elevando a mais do dobro o número de desempregados, para 14,7 milhões, 9,5% da população economicamente ativa dos EUA. E com as desigualdades de sempre: o desemprego entre os negros é de 14,7% e entre os hispânicos, de 12,2%.

Como Obama não tem disposição política para estatizar os bancos e forçá-los a emprestar para animar a economia e gerar emprego com mais intensidade, não irá fazer aquilo que lhe poderia sugerir

“o cara”, tratamento carinhoso que deu ao presidente Lula. Embora, do ponto de vista técnico e numa nova conjuntura que eventualmente pode se formar, essa saída exista. Uma das proposições com esse objetivo pode ser localizada no YouTube, o popular canal de vídeos pela internet. É de uma entidade sem fins lucrativos, voltada para a educação do público, a Khan Academy. A proposta está em dois vídeos, cada um com cerca de dez minutos, numa série didática sobre o Bailout, o plano de salvamento dos bancos dos EUA.

Obama também não possui qualquer disposição política e acredita menos ainda na possibilidade de uma intervenção estatal mais decisiva no setor produtivo, que, nos EUA, fora alguns poucos setores de infraestrutura, é essencialmente privado. As intervenções do governo americano no setor produtivo privado podem ser resumidas à história da falência e do renascimento da General Motors, em que foram aplicados 50 bilhões de dólares do Tesouro dos EUA. O final do processo de falência, em julho, no prazo recorde de 40 dias, por um lado mostrou a importância da intervenção estatal para impedir uma quebra descontrolada da gigante automobilística. Por outro, revelou como o resultado foi apenas uma reestruturação financeira, a favor dos grandes credores e em detrimento dos trabalhadores: no balanço final, foram fechadas 11 fábricas em definitivo e três temporariamente; serão desempregados entre 18 mil e 20 mil trabalhadores; e milhares de americanos de renda média perderam suas ações, cotadas a praticamente zero nas negociações finais na justiça que permitiram criar uma nova empresa, 60% controlada pelo governo, que tem a esperança de devolvê-la rapidamente ao capital privado.

O PAPEL DO ESTADO

O presidente Lula, na já citada reunião com os empresários, teve a grande sacada de dizer que a criação de riqueza não é um processo de multiplicação do dinheiro. Logo a seguir, no entanto, fez uma avaliação do papel do Estado e da grande conjuntura do mundo, que explica o sentido da atuação de seu governo, mas

é, a nosso ver, um equívoco. Citemos, de início, as suas palavras, por extenso. “Definitivamente, essa crise deixa claro que a política não é o oposto da eficiência, é um dos seus pressupostos iniciais. Tampouco o Estado é o estorvo do desenvolvimento. Ele é, sobretudo, o indutor [...] Eu me lembro de que, quando caiu o Muro de Berlim, fui muito criticado no Brasil, porque dizia que a queda do muro era a oportunidade de repensar as coisas no mundo, porque até então tudo estava escrito. O Manifesto Comunista dizia tudo o que tínhamos que fazer. O Marx já tinha dito tudo o que tínhamos de fazer. Era como se tivéssemos que ser um pequeno robô, sem ter o direito de pensar”.

Nesse discurso, destaca-se a crise do sistema de estados soviéticos centrado na Rússia, que teve início com a queda do

Muro de Berlim em 1989 e praticamente se completou com o desmantelamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991, com a chegada ao poder de Boris Ieltsin e o desencadeamento de um amplíssimo programa de privatizações. Foi quando se afirmou, no mundo subdesenvolvido ocidental, a tese de que a participação do Estado na economia deve se restringir à indução do desenvolvimento, à limitação da regulação e de alguns setores da criação de infraestrutura. Na longa peroração, como se vê, o presidente diz que o mundo mudou com a queda dos regimes soviéticos e se declara um partidário da tese do estado indutor que teria sido provada com aqueles abalos.

É um equívoco, em nosso entendimento. O acontecimento central da conjuntura que vivemos não é o fim dos regimes so-

cialistas e o triunfo do sistema capitalista, com a consagração do papel do Estado como agente regulador e indutor do crescimento, mas fora do sistema produtivo. A fase histórica que estamos vivendo, talvez em sua etapa derradeira, começa com dois outros eventos no final dos anos 1970, praticamente simultâneos e anteriores à queda do muro de Berlim: no mundo capitalista, a grande reforma financeira nos EUA; e, no socialista, a grande reforma do sistema estatal chinês. Os americanos privilegiaram o fortalecimento do setor financeiro, com a elevação dos juros básicos da economia, que acabou provocando uma crise global, porque suas taxas funcionaram como um piso para os capitais de empréstimo e inviabilizaram a rolagem de dívidas em países – como o Brasil, por exemplo, que quebrou em 1982.

Obama e Lula, em reunião do G8, em julho: o presidente americano não seguirá as recomendações que “o cara” poderia lhe sugerir



Os chineses, ao contrário do que se divulga normalmente, não abriram sua economia para adotar o padrão americano. E também, ao contrário do que fariam os soviéticos mais tarde, em 1978 a China promoveu uma ampla reforma de seu sistema de produção que era praticamente 100% baseado em empresas estatais, com

vistas a fortalecê-las. Ao mesmo tempo, ampliou as facilidades para os empreendimentos privados, urbanos e rurais, com o desmantelamento do sistema de posse coletiva da terra. A propriedade estatal da terra foi mantida, mas se permitiu o arrendamento desta pelos camponeses, o que incentivou assim os negócios baseados

no dinheiro e o surgimento de pequenas e médias empresas.

O desenvolvimento acelerado do setor financeiro americano resultou no que se vê hoje: uma deformação espetacular que chegou a seu limite. As contas da economia dos EUA são hoje equilibradas com empréstimos externos equivalentes a cerca de 2 bilhões de dólares por dia - o déficit do balanço de pagamentos do país nas chamadas "transações correntes", em que o desequilíbrio é medido, foi, no ano passado, de 706,1 bilhões de dólares. Enquanto isso, a China, que manteve um poderoso setor estatal - hoje são cerca de 150 mil empresas, mais ou menos a metade do número de antes das reformas - e viu surgirem mais de 20 milhões de pequenas e médias empresas, crescerá este ano entre 6% e 8%, estima-se, num mundo no geral mergulhado na recessão.

Em sua oração aos empresários, o presidente Lula parece ter descoberto o mistério do dinheiro, mas ainda não tirou dela as consequências práticas necessárias. Dinheiro sozinho não gera riqueza. Os chineses, que continuam acreditando em Marx, ao contrário do presidente, estabeleceram um controle rigoroso dos capitais que querem entrar no país: eles devem ser destinados ao setor produtivo, porque assim criam riqueza, que se faz com dinheiro, é verdade, mas desde que ele compre máquinas, matérias-primas e pague trabalhadores para transformá-las.

No Brasil não é assim. O governo não quer fazer a distinção entre o capital para investimento - produtivo - do capital especulativo - que entra e sai, em manobras cambiais e na Bolsa, como mostramos nesta edição no texto sobre nosso sistema financeiro. O País virou um paraíso da especulação financeira global. Em 2008, com a crise deflagrada, com o fechamento do cassino financeiro americano, a especulação financeira tirou daqui mais de 30 bilhões de dólares somente em remessas de lucros - sem contar outras contas do setor de serviços - mais de dez vezes mais do que a média da década anterior.

Se pudesse comentar a avaliação de nosso presidente, o velho Marx talvez lhe dissesse: "Ô cara, outra saída é possível!". ■

UMA SAÍDA, NO YOUTUBE UMA ONG APRESENTA PROPOSTA ALTERNATIVA PARA A CRISE À APROVADA PELO CONGRESSO

Dois vídeos - *Bailout 14: possible solution* e *Bailout 15: more on the solution* - de uma série da organização não governamental Khan Academy, divulgados no YouTube, explicam de maneira didática como se poderia reformar totalmente e para melhor, em tese, o sistema bancário americano. O dinheiro do pacote aprovado no ano passado pelo Congresso dos EUA para salvar os bancos chega a 787 bilhões de dólares. É muito, diz a Khan Academy: é suficiente para comprar, pelo patrimônio que declaram ter atualmente, todos os sete maiores bancos do país. Com esse dinheiro, poderiam ser criados 50 bancos estatais novos, um em cada estado americano, com balanços completamente limpos e capacidade para emprestar entre 1 trilhão e 7 trilhões de dólares com vistas a tirar o país da crise. O endereço na Internet para localizar os vídeos é <http://www.youtube.com/watch?v=Bdml14oSe4g&feature=SeriesPlaylist&p=BE233FA3D593154E>

